

CURRÍCULOS E COTIDIANOS COMO ‘*ESPAÇOSTEMPOS*’ DE CRIAÇÕES INDOMÁVEIS¹

CURRICULA AND EVERYDAY LIFE AS ‘*SPACETIMES*’ OF INDOMITABLE
CREATIONS²

CURRÍCULOS Y COTIDIANOS COMO ‘*ESPACIOSTIEMPOS*’ DE CREACIONES
INDOMABLES

Leonardo Ferreira Peixoto¹ 0000-0002-4817-1701
Maria Cecília Castro² 0000-0002-2803-3432

¹ Universidade do Estado do Amazonas – Tabatinga, Amazonas, Brasil; lpeixoto@uea.edu.br

² Universidade Federal Fluminense – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil;
mariaceciliacastro@id.uff.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os currículos e os cotidianos compreendidos como ‘*espaçostempos*’ de criações indomáveis nas pesquisas com os cotidianos. O texto constitui um desdobramento de um Trabalho Encomendado apresentado no Grupo de Estudos Cotidianos: éticas, estéticas e políticas da ANPEd, cuja proposta convidava diferentes grupos de pesquisa a experimentarem formas sensíveis e inventivas de circulação científica a partir da temática dos artefatos culturais nas ações educativas cotidianas. Em diálogo com essa provocação, optamos por preservar o formato de roteiro utilizado na apresentação performática do trabalho, assumindo a escrita como gesto ético, estético, político e epistemológico. Inspirados em autores que defendem a literaturização e a audiovisualização da ciência, argumentamos que os modos de comunicação do conhecimento também precisam ser tensionados quando se pretende compreender a complexidade dos cotidianos educativos. Ao mobilizar múltiplas produções enviadas por grupos de pesquisa de diferentes regiões do país, discutimos como linguagens diversas, como vídeos, podcasts e textos, ampliam as formas de produzir e compartilhar ‘*conhecimentossignificações*’. Defendemos que os currículos e os cotidianos constituem redes educativas vivas, marcadas por invenções, afetos e resistências que escapam às lógicas lineares da ciência moderna.

Palavras-chave: currículos; cotidianos; redes educativas; artefatos culturais; conhecimento.

ABSTRACT

This article reflects on curricula and everyday life understood as ‘*spacetimes*’ of indomitable creations within everyday life research. The text unfolds from a commissioned work presented at the Study Group Everyday Life: ethics, aesthetics and politics of the Brazilian National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd). The proposal invited research groups to experiment with sensitive and inventive forms of scientific circulation based on the theme of cultural artifacts in everyday educational actions. In response to this challenge, we chose to preserve the script format originally used in the performative presentation of the

¹ Os aplicativos de Inteligência Artificial NotebookLM e ChatGPT foram utilizados para realizar a revisão ao longo da produção textual.

² Os resumos em língua inglesa e espanhola foram gerados com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT e, posteriormente, revisados e supervisionados tecnicamente pelos autores.

work, assuming writing itself as an ethical, aesthetic, political and epistemological gesture. Inspired by authors who advocate the literaturization and audiovisualization of science, we argue that the ways knowledge is communicated must also be questioned when addressing the complexity of educational everyday life. Drawing on audiovisual and textual productions created by research groups from different regions of Brazil, we discuss how multiple languages, such as videos, podcasts and written texts, expand possibilities for producing and sharing knowledge-meanings. We argue that curricula and everyday life constitute living educational networks marked by invention, affections and resistances that escape the linear logics of modern science.

Keywords: curriculum; everyday life; educational networks; cultural artifacts; knowledge.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre los currículos y los cotidianos comprendidos como 'espaciostiempos' de creaciones indomables en las investigaciones con los cotidianos. El texto se origina en un Trabajo Encomendado presentado en el Grupo de Estudios Cotidianos: éticas, estéticas y políticas de la Asociación Nacional de Posgrado e Investigación en Educación de Brasil (ANPEd). La propuesta invitaba a distintos grupos de investigación a experimentar formas sensibles e inventivas de circulación científica a partir del tema de los artefactos culturales en las acciones educativas cotidianas. Frente a este desafío, optamos por mantener el formato de guion utilizado en la presentación performática del trabajo, entendiendo la escritura como un gesto ético, estético, político y epistemológico. Inspirados en autores que proponen la literaturización y la audiovisualización de la ciencia, sostenemos que los modos de comunicación del conocimiento también deben ser tensionados para comprender la complejidad de los cotidianos educativos. A partir de producciones audiovisuales y textuales elaboradas por grupos de investigación de distintas regiones de Brasil, discutimos cómo lenguajes diversos, como videos, podcasts y textos, amplían las formas de producir y compartir conocimientos-significaciones. Sostenemos que los currículos y los cotidianos constituyen redes educativas vivas, atravesadas por invenciones, afectos y resistencias que escapan a las lógicas lineales de la ciencia moderna.

Palabras clave: currículo; cotidianos; redes educativas; artefactos culturales; conocimiento.

Introdução

A presente escrita é um desdobramento do Trabalho Encomendado (TE) apresentado ao Grupo de Estudos – Cotidianos: éticas, estéticas e políticas na 42ª Reunião Nacional da ANPEd, realizada em João Pessoa, em outubro de 2025³. O tema central da proposta de TE – “Os artefatos culturais nas ações educativas cotidianas, em suas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas” – desafiou-nos a experimentar formas de circulação científica que não apenas analisassem artefatos, mas que se materializassem como um dispositivo de expressão coletiva. Ao aceitarmos o convite deste dossiê para problematizar os ‘discursospráticas’⁴ que sustentam

³ Em Assembleia Geral Extraordinária da ANPEd realizada em 19 de novembro de 2025, o referido Grupo de Estudos foi transformado no Grupo de Trabalho – Cotidianos: éticas, estéticas, políticas e poéticas (GT-25).

⁴ Nas pesquisas com os cotidianos, a criação de neologismos aglutinados (grafados em itálico e entre aspas simples) constitui um posicionamento ético-estético-político-epistemológico deliberado. Esta tática de escrita visa

o modelo hegemônico de escrita acadêmica, optamos por preservar a forma original de roteiro por compreendê-la como um gesto que potencializa poéticas da imanência e resiste à linearidade tradicional.

É importante situar que a produção de conhecimentos em formato de diálogo possui precedentes significativos no campo do currículo e da educação no Brasil. Um marco incontornável são as obras de Paulo Freire, nas quais a dimensão dialógica não aparece apenas como tema, mas como forma de produzir pensamento e conhecimento. Entre elas, podemos citar *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*, construída no diálogo com Ira Shor (Freire; Shor, 2011), e *Aprendendo com a própria história*, escrita com Sérgio Guimarães (Freire; Guimarães, 2011), nas quais a dialogicidade materializa a própria concepção freireana de educação e autonomia. Exemplos notáveis no campo dos estudos curriculares são o diálogo entre Antonio Flavio Barbosa Moreira e Regina Leite Garcia (2012), no texto “Começando uma conversa sobre currículo” (Garcia; Moreira, 2012)⁵ e a conversa entre Regina Leite Garcia e Nilda Alves (2002), em “Conversa sobre pesquisa”⁶. Vale ressaltar que essa herança freireana é estruturante para o nosso campo, uma vez que Regina Leite Garcia – que fundou as pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares no Brasil ao lado de Nilda Alves – era assumidamente freireana, trazendo para o campo a ética da dialogicidade.

Contudo, diferentemente dessas propostas, que resultaram da gravação e posterior transcrição de conversas, o texto aqui apresentado é um roteiro intencionalmente construído para ser performado. Essa escolha nos aproxima da tradição de Paul Karl Feyerabend (1991), de modo especial em sua obra *Diálogos sobre o método*, integralmente construída a partir do embate entre dois interlocutores, A e B, sem que o autor mencione previamente quem são essas figuras. Para Feyerabend, a conversação mantida com os outros é etapa fundamental para a produção do conhecimento, extrapolando o necessário diálogo consigo mesmo. Já em *Diálogos sobre o conhecimento* (Feyerabend, 2008), o autor apresenta cenas e personagens específicos, utilizando o diálogo como tática (Certeau, 2012) para expor a pluralidade das razões e a recusa ao dogmatismo metodológico.

enfrentar dois obstáculos impostos pela ciência clássica: as dicotomias e a hierarquização linear dos processos humanos.

⁵ Na obra organizada pelos autores, o primeiro capítulo, intitulado “Começando uma conversa sobre currículo”, é um diálogo entre os organizadores que foi gravado e, posteriormente, transcrito.

⁶ Na obra organizada por Maria Tereza Esteban e Edwiges Zaccur (2002), Regina Leite Garcia e Nilda Alves apresentam um texto em que intitulam dialogantes. O texto tem como título “Conversa sobre pesquisa” e foi gravado em Buenos Aires; em seguida há a presença de ambas no Fórum Mundial de Educação diante do impacto de se depararem com uma Argentina “tão empobrecida”.

Essa perspectiva escriturística encontra ressonância na proposta de Fábio de Barros Pereira (2009), que assume a dramaturgia como forma de expressão científica e toma por “ato” o que, correntemente, se toma por capítulo. Ao assumirmos a condição de ‘*autorespersonagens*’ no roteiro produzido para a performance do TE, projetamos momentos em que a escrita exige a ação corporal: levantar-se, colar cartazes, brindar com Nilda Alves. Nossa fundamentação para o uso do roteiro ancora-se no que Fábio de Barros Pereira (2009), inspirado por Leandro Konder, define como o ensaio: um momento de “tentativa e experiência”, uma preparação de um espetáculo que assimila a liberdade da arte sem perder o rigor da natureza científica.

Essa “outra escrita” sustenta-se no movimento necessário de “literaturizar e audiovisualizar a ciência” (Alves, 2001; Andrade; Caldas; Alves, 2019; Mello *et al.*, 2025). Se as ideias que sustentam os cotidianos questionam o paradigma dominante, é preciso questionar também seus métodos de comunicação por meio de uma “outra escrita a aprender” que incorpore sons, imagens e a polifonia de vozes. O formato de roteiro materializa a intenção de criar uma ‘*escritafala*’ ou ‘*falaescrita*’, na qual o conhecimento não é apenas depositado no papel, mas encarnado na oralidade e na escuta partilhada. Historicamente, o roteiro e a performance oral dialogam com a rica tradição da cultura brasileira de narrar histórias, prática ancestral que produz redes de conhecimentos sem fim.

Ao transcrevermos o diálogo performático apresentado na ANPEd, buscamos o “sentimento do mundo” (Alves, 2001; Andrade; Caldas; Alves, 2019; Delboni *et al.*, 2025), mergulhando com todos os sentidos nos processos educativos. O roteiro permite visibilizar a polifonia das redes, reconhecendo que a produção de conhecimento é sempre um agenciamento coletivo feito “a muitas mãos”. Apresentar este conteúdo como um roteiro de fabulações é, portanto, uma reafirmação ética e política de que os currículos e os cotidianos são ‘*espaçostempos*’ de criações indomáveis.

O roteiro

[Leonardo]

Bom dia a todas, todos e todes. Gostaríamos de começar narrando um pouco do panorama dos grupos de pesquisa que contribuíram com o Trabalho Encomendado do nosso GE. À medida que formos chamando os grupos, pedimos que as pessoas representantes se levantem e se apresentem, para que possamos reconhecer quem está aqui conosco nesta conversa.

[Cecília]

Vamos começar pelo Norte. No Amazonas, na UEA, temos o *Ama(r)zonas – Grupo de Pesquisa: cotidianos e redes educativas ‘nosdoscom’ os movimentos indígenas e com as Amazônias* e o *LEPETE – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação*.

[Leonardo]

Do Nordeste, trazemos a Paraíba, na UFPB, com o grupo *Com-fabulações – Ateliê de Pesquisas Inventivas em Educação*.

[Cecília]

De Pernambuco, na UFPE, contamos com o *Grupo de Pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes de Conhecimentos*, em parceria com a UFES.

[Leonardo]

Agora, seguimos para o Sudeste. No Espírito Santo, na UFES, temos dois grupos: o *Grupo de Pesquisa Currículos, Cotidianos, Culturas e Redes de Conhecimentos* (em parceria com a UFPE) e o *Grupo de Pesquisa Com-Versações com as teorias pós-críticas em currículos e formação de professores nos cotidianos*.

[Cecília]

No Rio de Janeiro, aparecem vários grupos em diferentes instituições: Na UFRJ, o *Grupo de Pesquisa Ecologias do Narrar*. Na UERJ, o *Grupo de Pesquisa Diálogos Escolas-Universidade: Processos Formativos, Currículos e Cotidianos*, o *GESDI – Grupo de Estudos sobre Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários EspaçosTempos da História e dos Cotidianos*, o *Ser em vibração: estética, psicanálise, linguagem e educação*, o *CENA: Cibercultura, Educação e Narrativas audiovisuais*, o *Educação e Cibercultura – EduCiber* e o *Grupo de Pesquisa Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons*. Na UNESA, o *DE-EScola: Direito à educação, Epistemologias do Sul e Cotidiano escolar*. No INES, o *Artegestoação*. E na UNIRIO, o *Grupo de Pesquisa Conversas Curriculares nos cotidianos das ‘universidadesescolas’*.

[Leonardo]

Em São Paulo, na UNISO, temos o *Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares*.

[Cecília]

E, por fim, no Sul, no Rio Grande do Sul, na UFPEL, está o *POC's – Grupo de Pesquisa: Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos*.

Nesse segundo momento, gostaríamos de apresentar a temática sugerida para que pudéssemos produzir o nosso Trabalho Encomendado: “Os artefatos culturais nas ações educativas cotidianas, em suas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas”.

[Leonardo]

E junto à temática, vamos ler, também, a ementa proposta: *Este trabalho encomendado convida os grupos de pesquisa integrantes do GE a refletirem, por meio de múltiplas linguagens, sobre o papel dos artefatos culturais nas ações educativas cotidianas. Interessa-nos explorar como narrativas, músicas, filmes, mostras, dramatizações, artefatos tecnológicos (como a inteligência artificial), entre outros elementos, expressam, tensionam e reconfiguram o viver educativo em suas múltiplas dimensões: ética, estética, política e poética. A proposta busca acolher produções que se desloquem dos formatos acadêmicos tradicionais e experimentem formas sensíveis, híbridas e inventivas de comunicação.*

[Cecília]

Cada grupo participante pôde enviar uma criação única, em diálogo com a temática, indicando os modos como ela se faz presente em suas práticas, investigações e experiências coletivas.

[Leonardo]

E o que recebemos foi significativo: 9 produções audiovisuais — sendo 8 vídeos e 1 podcast — e 7 textos. Isso nos sinaliza o quanto estamos buscando alternativas para a circulação científica, para além dos formatos tradicionais de escrita. Não se trata apenas de mudar a forma. O que vemos, aqui, é a afirmação de que a produção de conhecimento não se esgota na linearidade do texto acadêmico. O movimento dos grupos mostra uma urgência em

experimentalizar linguagens outras — o som, a imagem, a performance, a oralidade mediada pela tecnologia — como formas legítimas de narrar e *'praticarpensar'* ciência.

[Cecília]

Quando um grupo produz um vídeo, por exemplo, não está apenas traduzindo o que escreveria em artigo: está operando com outros regimes sensoriais, com temporalidades distintas, com modos de provocar quem lhe assiste. O podcast, por sua vez, desloca a lógica da leitura individual e silenciosa e cria uma experiência de escuta partilhada, que pode acontecer no movimento, no cotidiano, entre outros afazeres, nos deslocamentos, nos entre... Esse conjunto de produções insinua que o campo da pesquisa com os cotidianos vem tensionando a própria ideia de circulação científica: deixamos de falar apenas para revistas indexadas e congressos, e passamos a atravessar as fronteiras do que é entendido hegemonicamente como uma produção acadêmica “x” ou uma produção artística e cultural. São formas de produzir e partilhar *'conhecimentossignificações'* que resistem às lógicas hegemônicas do que vem a ser publicar.

[Leonardo]

Outro ponto muito interessante apareceu em uma das produções. Como disse Nilda Alves, no audiovisual do grupo coordenado por Rodrigo Barchi, *“A gente pensa que tá fazendo o que o outro tá fazendo, mas não tá fazendo tudo que ele manda. Não tá!!! Né?...”*.

[Leonardo e Cecília – juntos, em coro]

O COTIDIANO É INDOMÁVEL! (3x)

[Neste momento, nos levantamos e vamos colando os cartazes com as imagens da Nilda Alves com a frase. Ao final, pegamos as canecas, colocamos água e vamos até a Profa. Nilda fazer um brinde e repetimos a frase: “O cotidiano é indomável”.]

[Leonardo]

E por que dizemos isso? Porque, ao nos debruçarmos sobre essas produções, identificamos quatro formas de relação com a proposta:

1. Os trabalhos que abordaram diretamente a ideia de “artefatos culturais”.
2. Os que não usaram o conceito explicitamente, mas operaram com aquilo que podemos compreender como artefatos culturais.

3. Os grupos que produziram textos ou audiovisuais narrando as temáticas próprias de suas discussões.
4. E os que trouxeram uma espécie de lista de produções do grupo.

[Cecília e Leonardo – juntos, de forma leve, como um brinde]

OU SEJA, O COTIDIANO É INDOMÁVEL!

[Cecília]

Diante dessa diversidade, queremos reforçar: estamos aqui apenas como mediadores de um trabalho encomendado que é coletivo. O que faremos é trazer questões que emergiram no encontro com as produções e abrir o diálogo coletivo uma vez que os trabalhos não apenas comunicaram ideias, mas também nos afetaram. E os afetos foram decisivos: em alguns momentos, pensamos: “*se tivéssemos visto o trabalho do grupo A antes do grupo Z, talvez tivéssemos percebido outras questões*”. Esse exemplo mostra que não pretendemos limitar os significados das criações, mas compartilhar a experimentação que foi possível a partir das redes que construímos.

[Leonardo]

Gostaríamos, agora, de trazer algumas questões que nos mobilizaram durante o processo de encontro com os trabalhos encomendados. São provocações que elencamos como interessantes para debatermos juntos. Não pensamos em respondê-las todas aqui, mas em lançá-las como convites para reflexão. E, no momento coletivo, queremos abrir o espaço para que vocês também possam se pronunciar, tentando responder a essas questões ou, quem sabe, trazendo outras, a partir do encontro que cada um e cada uma teve com os trabalhos apresentados pelo nosso GE.

Vou começar, Cecília!!! Por exemplo, o José, de Carlos Drummond de Andrade, se encontra, agora, diante do dilema provocado pela inteligência artificial. “*I A gora, José?*” — brinca um de nossos grupos de pesquisa, nos provocando a pensar formas outras de escrita que se entrelaçam, se enredam e se forjam nos limites pessoas-máquinas-textos. Escritas que se autoproduzem entre fragmentações, deslocamentos e interações. Essa provocação abre caminhos para pensarmos até onde vamos com essas linguagens híbridas, e como elas desafiam a própria ideia de autoria e linearidade no nosso campo.

[Cecília]

Diante disso, Leonardo, eu te pergunto e pergunto a todos aqui: de que maneiras as relações entre oralidades e criações humanas estão sendo negociadas nas nossas pesquisas quando atravessadas pelas novas tecnologias? Que usos temos feito delas? Porque não se trata apenas de apropriar-se da tecnologia como uma ferramenta a mais. Trata-se de tensionar o que entendemos por tradição, o que reconhecemos como oralidade e o que nomeamos como invenção humana. Quando pessoas e máquinas se encontram, o que permanece, o que se transforma, o que se cria de novo?

[Leonardo]

Essa é uma provocação potente, Cecília. E me leva a perguntar: por que alguns grupos de pesquisa optaram por não usar a ideia de “artefato cultural”? Teria sido um gesto de resistência? Ou, talvez, uma crítica ao próprio conceito? Essa diferença nos convida a revisitar e a discutir mais a respeito. Afinal, há quem considere que todo artefato é cultural, e outros que preferem reservar a noção de artefato para certas materialidades ou práticas. Precisamos conversar sobre essas tensões conceituais e o que elas revelam das escolhas de cada grupo.

[Cecília]

Nessa mesma direção, outro grupo nos provoca com uma questão que parece simples, mas é fundamental: quando fazemos uso das conversas em nossas pesquisas, estamos tomando-as como artefatos culturais ou apenas como táticas metodológicas? As conversas podem ser vistas como criações que também produzem culturas, ou seriam apenas táticas metodológicas de pesquisa?

[Leonardo]

E como pensar essas conversas quando não acontecem apenas na oralidade, mas são mediadas por dispositivos visuais? E o que estamos entendendo por dispositivo?

[Cecília]

Então, Leonardo, nesse contexto, surge outra necessidade: a de reafirmarmos constantemente os afetos e perceptos que atravessam nossas pesquisas. Sem esses atravessamentos, não há experiência viva do cotidiano. E aproveito para colocar outra questão, não tão distante dessa:

quando falamos em centro, margem, periferia, dentro e fora, será que não estamos insistindo em criar e manter as linhas abissais propostas por Boaventura? Os cotidianos parecem nos dizer que tudo é *'dentrofora'*, simultâneo, emaranhado, que não se separa. Essa, talvez, seja uma das maiores lições de quem pesquisa **com** os cotidianos. Você não acha?

[Leonardo]

E essa lição aparece de maneira muito bonita em uma fala que me marcou, Cecília. Sandra Kretli, no podcast do Grupo de Pesquisa *Currículos Cotidianos*, destacou a beleza de ver tantos coletivos diferentes dialogando com um mesmo artefato cultural, mas atribuindo a ele *'conhecimentossignificações'* múltiplas. Isso mostra como o comum não é homogêneo, mas um espaço de diferenciações, de interpretações, de invenções compartilhadas.

[Cecília]

E o próprio formato do podcast nos chama a pensar a partir de outros sentidos. Ele rompe com a centralidade da visão, tão cara à ciência hegemônica, e nos convida a um exercício de escuta. Afinal, nas pesquisas com os cotidianos, estamos implicados em produzir *'conhecimentossignificações'* com todos os sentidos.

[Leonardo]

E já que falamos de escuta, quero fazer uma provocação delicada. Em muitas produções audiovisuais, percebi uma atenção maior à cena, à imagem, mas nem sempre ao som. E isso nos leva a perguntar: qual é a importância do som nas nossas produções? O que se perde quando o som é apenas secundário? Será que ainda precisamos explorar com mais profundidade o que os sons nos ensinam sobre os cotidianos?

[Cecília]

E há também uma ideia mobilizadora que vem do grupo *Com-fabulações*: *"Resistir não é dizer não, é criar um outro sim. A pele vira mapa."* Resistência é uma palavra-chave para muitas pesquisas, mas nem sempre nos detemos em explicitar o que entendemos por resistir. Como cada um de nós está operando com esse conceito? De que resistências falamos?

[Leonardo]

Até porque percebemos que para alguns grupos a resistência está enraizada nos territórios,

emerge da força da terra e das ancestralidades. As narrativas afrorreferenciadas, as orégü do povo Magüta, as batalhas de slam, tudo isso só faz sentido sustentado pela força do território. Para outros grupos, porém, resistência significa deslocar-se, fugir, criar outros mundos, inventar novas formas de viver cotidianamente.

[Cecília]

O grupo *DE-Escola* também nos ajuda a pensar sobre isso quando provoca a refletir como os processos educativos acontecem diariamente. Eles nos perguntam: o que 'aprendemosensinamos' por meio dos artefatos culturais? E ampliam o debate ao trazer a dimensão política da divulgação científica, analisando os jornais de grande circulação e mostrando que a divulgação nunca é um gesto neutro, mas sempre atravessado por disputas políticas e estruturais.

[Leonardo]

E a partir dessa provocação, Cecília, eu te devolvo outra questão: nossas produções estão restritas à pós-graduação? Essa é uma crítica que me atravessou em uma das produções. Penso que ela nasce de um olhar que insiste em separar prática e teoria, como se as escolas fossem apenas "*espaçostempos*" das práticas e da aplicabilidade das teorias formuladas nas universidades. Essa é uma visão reducionista. Nós sabemos que nossas produções se forjam **com** os cotidianos, na indissociabilidade "*práctateoria*". O que fazemos não é aplicar teorias prévias, mas viver o cotidiano como campo de invenção, onde teoria e prática não são percebidas como atividades dicotômicas.

[Cecília]

E tudo isso apenas reforça a nossa convicção: precisamos, mais do que nunca, ressaltar as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas das nossas pesquisas. A **Dimensão política** está na autodefinição do campo como '*políticoepistemológico*'. Esse termo insiste em que conhecer não é um ato neutro, mas uma intervenção no mundo, um posicionamento na disputa de sentidos e afetos que constituem os cotidianos. A **dimensão ética pode ser 'práctadapensada'** na "generosidade com nossos interlocutores" e na responsabilidade com as vidas narradas. Supõe substituir uma ética de protocolos por uma ética da relação, do cuidado e do vínculo com os sujeitos.

[Leonardo]

A **dimensão estética** diz respeito a uma necessidade metodológica e política: narrar afetos, texturas e corporalidades que atravessam os cotidianos. Nessa perspectiva, legitimam-se modos diversos de criação e circulação que buscam fazer justiça cognitiva à complexidade da vida cotidiana. A **dimensão poética** expressa-se na criatividade, na invenção de palavras, na criação de personagens conceituais e em tantas outras formas de invenção. Essa poética recusa a linearidade do tempo e nos permite recuperar e a conexão com epistemologias e filosofias outras, como as dos povos indígenas, de matrizes africanas e de tantas outras, outros e outres.

[Cecília]

Se, por um lado, estamos abertos a tudo e a todos, não podemos perder de vista que algo nos une: os cotidianos.

[Leonardo]

Pensamos que cada um pode escolher a forma de dialogar com esse campo, mas o que não podemos é nos negar a dialogar com ele.

[Leonardo e Cecília – juntos, em coro]

Porque é isso que nos constitui enquanto campo: **os cotidianos... e o cotidiano é indomável!**

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 15-38.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira (Orgs.). **Estudos do Cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 18-45.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera; RANGEL, Leonardo; LIMA, Júlia. O sentimento do mundo. *In*: ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisar em educação com imagens e sons e afetos**: ‘fazersentirpensar’ nos cotidianos das redes educativas. Rio de Janeiro: LABEIS/UERJ, 2025. p. 21-38.

ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

FEYERABEND, Paul Karl. **Diálogos sobre o conhecimento**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FEYERABEND, Paul Karl. **Diálogo sobre o método**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Começando uma conversa sobre currículo. *In*: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (Orgs.). **Currículo na Contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 9-44.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. *In*: ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002. p. 105-125.

MELLO, Fernanda Cavalcanti de; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues da; TEIXEIRA, Roberta Guimarães; GREGORIO, Talita dos Santos Malheiros; LOBO, Thamy. Audiovisualizar e Literaturizar as ciências, Narrativas de vidas para criar com os cotidianos. *In*: ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisar em educação com imagens e sons e afetos: 'fazersentirpensar' nos cotidianos das redes educativas**. Rio de Janeiro: LABEIS/UERJ, 2025. p. 68-91.

PEREIRA, Fabio de Barros. **Abeje Dayo: um ensaio epistemológico-político sobre a democracia na escola pública estadual**. 2009. 122p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(S)

Leonardo Ferreira Peixoto. Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor da Universidade do Estado do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa Ama(r)zonas. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3006297256905004>

Maria Cecília Castro. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora dos anos iniciais do Colégio Universitário Geraldo Reis. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Diversidades e Artefatos Culturais. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5713299260601238>

Como citar

PEIXOTO, Leonardo Ferreira; CASTRO, Maria Cecília. CURRÍCULOS E COTIDIANOS COMO 'ESPAÇOSTEMPOS' DE CRIAÇÕES INDOMÁVEIS. **Revista Espaço Currículo**, v. 19, n. 1, e78147, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i1.78147.